

## A REDE DE SIGNIFICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA BAKHTIN

Laura Maria Silva Araújo ALVES  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** *Este texto tem por objetivo discutir a rede de significações como uma nova concepção de investigação no campo da ciência do Desenvolvimento Humano e da Educação Infantil. Intenciona discutir algumas idéias, conceitos e pressupostos, na tentativa de compreensão da problemática da significação, situando-a na sua abrangência e complexidade na constituição do sujeito. É objetivo, ainda, pensar a formação individual e coletiva, como uma construção social, produzida a partir de operações de identificação e diferenciação que são tecidas na infância. A Rede de Significações é uma nova abordagem com base nas melhores tradições do pensamento sobre desenvolvimento humano ao longo de século XX – Vygotsky, Wallon, Valsiner, Bruner e, principalmente, Bakhtin, considerado o pensador mais polêmico das ciências humanas.*

### O que é Rede de Significações?

A rede de significações é uma nova perspectiva teórico-metodológica para as ciências humanas que vem sendo elaborada de forma a construir uma ferramenta capaz de auxiliar nos procedimentos de investigação como na compreensão do processo de desenvolvimento humano. Esses processos são construídos *nas e por meio* das múltiplas interações estabelecidas pelas pessoas em contextos sociais e culturalmente organizados.

O ser humano é um ser de relações e essas relações se dão em complexas redes nas quais se articulam significações de várias origens, num espaço e num tempo. Desse modo, a Rede de Significações é composta de elementos de ordem pessoal, contextual, atravessada pela cultura, ideologia e relações de poder e se atualiza sucessivamente no aqui-agora da situação, ao nível dialógico das relações. Em outras palavras, a Rede de Significações integra elementos diversos, de forma dinâmica, propondo-se

contemplar micro e macrodimensões numa perspectiva evolutiva e histórica.

A perspectiva da Rede de Significações propõe que o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos, imerso em uma malha de elementos de natureza semiótica. Esses elementos são concebidos como se inter-relacionando dialeticamente. Logo, as pessoas ao nascerem imediatamente se encontram imersas nessa malha.

Os principais pilares teóricos dessa perspectiva encontram-se ancorados em autores da abordagem sócio-histórica ou histórico-culturais, como Vygotsky, Wallon, Valsiner e Bakhtin. Em função das diversas questões conceituais, a interlocução teórica vem se ampliando, passando a abranger autores de variadas orientações teóricas tanto da Psicologia do Desenvolvimento Humano como da Psicologia Social e Cultural, como Bronfenbrenner e Bruner. É importante destacar que, ao longo dos últimos anos, por meio de diálogos entre pressupostos teóricos e estudos empíricos no campo da Psicologia do Desenvolvimento e de uma prática de intervenção, especialmente na área da Educação Infantil, foi se delineando gradativamente a perspectiva da Rede de Significações no âmbito da Educação.

O sujeito nasce numa complexa rede de processos de desenvolvimento e a meta é buscar compreender *quais e como* os vários elementos (interacionais-pessoais-contextuais) participam desses processos, influenciam na sua constituição. Como se sabe, ao nascer um bebê, simultaneamente nasce uma mãe, um pai, um irmão, um tio, um avô etc. E é, também, por meio da relação com o bebê, que os papéis desses outros são assumidos ou rejeitados, que suas ações se completam, que suas atitudes tomam forma e adquirem significados (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & VITÓRIA, 1997). As relações sociais são consideradas como fundantes não só nos primeiros anos de vida do bebê como também ao longo de toda a sua vida, mantendo-se como arena e motor do processo de desenvolvimento. Por essa ótica, entende-se que, desde o início da vida, as relações são construídas a partir das "inter-ações", ou seja, de ações partilhadas.

Nesse sentido, os percursos de cada sujeito só podem ser pensados de modo indissociável a partir dos processos interativos estabelecidos pelos sujeitos em contextos específicos. Isso significa

pensar que cada um dos sujeitos em interação passou por experiências variadas anteriores, carrega histórias de vida diversas, diferentes planos e expectativas futuras. Além disso, cada um ocupa diferentes papéis sociais e posições discursivas e relaciona-se através de formas variadas na coordenação de papéis. Em outras palavras, entende-se que cada sujeito se encontra imerso em rede de significações, pois a rede em que um sujeito se encontra submerso articula-se com outras redes de várias outras pessoas e grupos. Dessa forma, não existe uma única rede de significações, mas várias redes articuladas entre si, interligando e interligadas por teias, compondo uma teia com diversos pontos de encontro (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & VITÓRIA, 1997).

Parafraseando Smolka (2004), é possível dizer que as crianças nascem em um mundo repleto, preenche de significações. E começa a viver e a fazer sentido das práticas a cada dia... vivem os cuidados, os carinhos, os afetos, as distâncias, as ausências, as contingências, as contradições que vão se impondo. Vão sentindo e sofrendo, de diversas formas, as múltiplas relações com os outros e com o mundo. E vão sendo afetadas por essas relações.

A perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (RedSig) é baseada em uma visão sócio-histórica que pressupõe que o desenvolvimento ocorre a partir de interações que o sujeito estabelece ao longo de sua vida com parceiros diversos, em práticas sociais concretas. Para os estudiosos dessa abordagem, as formas culturais de organização do ambiente, as maneiras como os sujeitos atuam em variadas situações, os modos como interagem com os outros, fornecem aos sujeitos que nele estão imersos os conhecimentos, as técnicas, os instrumentos e também os motivos para suas ações.

A matriz sócio-histórica é composta por elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, todos historicamente construídos e em contínua construção. A matriz sócio-histórica pode ser concebida por duas partes íntima e dialeticamente inter-relacionadas. A primeira são as condições sócio-econômicas e políticas as quais representam as condições concretas de vida de uma comunidade específica. Nessas condições, o sujeito nasce, vive e se desenvolve, além das pressões sociais mais estáticas às quais os sujeitos estão submetidos. A segunda são as práticas discursivas, que representa o domínio das representações, dos símbolos etc. Entende-se que o

signo está ligado a diferentes períodos históricos e processos sociais e que, portanto, apresentam diferentes pesos e hierarquia de poder em cada sociedade cultura, grupo, contexto específico, situação e relacionamento das pessoas envolvidas (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & VITÓRIA, 2004).

Partindo-se da perspectiva da Rede de Significações, entende-se que, na dinâmica das relações sociais e do desenvolvimento dos processos psicológicos, esses diferentes elementos não podem ser pensados separadamente uns dos outros, pois é da articulação dos mesmos que a história de cada sujeito se constituíram e se desenvolveram.

### **Rede de Significações e a Constituição do Sujeito para Bakhtin**

No conjunto dos pesquisadores da abordagem sócio-histórica do século passado encontram-se várias personalidades; porém hoje, destes estudiosos, Bakhtin tem sido extensivamente citado e correntemente incorporado à psicologia, à lingüística, à teoria literária, à análise do discurso e, especialmente, à construção do sujeito por estabelecer a interação entre sujeito, linguagem, ideologia e consciência. Bakhtin é um autor que rompe com a lingüística tradicional do seu tempo. Sua abordagem transcende aos modelos teóricos da linguagem estrutural (idealista).

Mikhail Bakhtin (1895-1975)<sup>1</sup> é um dos mais importantes teóricos da literatura contemporânea. Nascido em Orel, ao sul de Moscou, graduou-se em Letras, História e Filosofia. Durante toda a sua vida dedicou-se ao estudo da Filosofia, Psicologia, História da Cultura, Estética e Filologia. Foi professor de Literatura, Estética e Línguas (russo e alemão). Trabalhou ainda com análise estilística e crítica literária. Durante boa parte de sua vida, integrou círculos de intelectuais através dos quais desenvolveu interessantes discussões

<sup>1</sup> Bakhtin vem sendo visto crescentemente como um dos principais pensadores do século XX. No Brasil, Bakhtin é um intelectual conhecido e muito respeitado. Sua obra alcançou o meio universitário brasileiro graças à publicação de seus livros: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, *A Questão de Literatura e Estética* e *A Estética da Criação Verbal*. Tal é o interesse dos estudiosos por Bakhtin que as teses bakhtinianas foram objeto de estudos em vários livros, além de ter inspirado muitas dissertações e teses acadêmicas sobre literatura e outras áreas da cultura brasileira.

acadêmicas no convívio com grandes intelectuais europeus do início do século XX.

Entre a multiplicidade de temas abordados por Bakhtin, a Psicologia merece um destaque muito especial. Movido pelo interesse de compreender a constituição do sujeito, Bakhtin interessa-se pela Psicologia. Em seus livros *O Freudismo* e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escritos respectivamente em 1925 e 1929, Bakhtin faz exaustivamente uma crítica às tendências psicológicas subjetivas e objetivas que concebem o ser humano como a-histórico e imutável, apontando para uma abordagem sociológica da constituição do sujeito. Crítica o reflexologismo russo, ou o behaviorismo americano, seja por sua raiz biológica ou por seus componentes fisiológicos de estímulos e respostas, é vista como inadequada para abarcar a complexa interação entre o psíquico e o social.

Para Bakhtin, o sujeito se insere em um universo sócio-cultural e através das relações e experiências que aí mantém, desenvolverá seu mundo psicológico, ou seja, seu mundo de registros. O sujeito é um ser ativo, social e histórico. Essa é sua condição humana, e assim constituirá suas formas de pensar, sentir e agir: sua própria consciência e identidade. Para ele o sujeito é um ser social, pois não basta ao homem um nascimento físico, mas um segundo nascimento, o social. Bakhtin fala de um sujeito histórico, datado, concreto, marcado por sua cultura, que penetra no cultural pela linguagem.

O sujeito é visto por Bakhtin como sendo constituído e imbricado em seu meio social, sendo, portanto, permeado pelos discursos que o circundam. Ou seja, cada sujeito é um sujeito híbrido, uma arena de conflito e confrontação dos vários discursos que o constituem, sendo que cada um desses discursos, ao se confrontar com os outros, exerce uma hegemonia sobre eles. É através das interações sociais que Bakhtin desvenda como o sujeito aprende o discurso de outrem. Segundo ele, é no discurso citado que se percebe o discurso do outro. Encontra-se, no discurso citado, um documento objetivo que esclarece esse problema. Para Bakhtin, todo discurso está atravessado por outros discursos que partem de um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, pois o discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas.

Para Bakhtin o sujeito, enquanto ser social, constitui-se em uma arena de conflito de discursos concorrentes, um fenômeno que ele

chama de polifonia. Cada sujeito é formado por variantes conflitantes: sociais, geográficos, temporais etc. A visão bakhtiniana é a de que a linguagem, como fenômeno social, tem uma relação direta com a construção do sujeito. Ou seja, o sujeito constitui-se ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro (sua mãe, seu pai, seus colegas, sua comunidade etc.). O sujeito, para Bakhtin, constitui-se na fronteira entre aquilo que é "seu" e aquilo que é do "outro". Ele vê o sujeito como sendo imbricado em seu meio social, sendo principalmente permeado por um contexto sócio-histórico-ideológico. O cotidiano de cada indivíduo está inserido nesse universo de discursos. É a partir dessa materialidade discursiva que se constitui sua "subjectividade". Sendo assim, a subjectividade nada mais é que o resultado da polifonia, das muitas vozes sociais que cada indivíduo "recebe" e tem a condição de "reproduzir" e/ou reelaborar".

Além disso, para Bakhtin, o sujeito é um ser social, pois não basta ao homem um nascimento físico, visto que não é suficiente para o ingresso na cultura. É necessário principalmente um segundo nascimento, o social. Bakhtin alerta para a linha social-histórico-cultural que o sujeito está imbricado.

Sob a égide do pensamento bakhtiniano, pode-se afirmar que o sujeito penetra na cultura pela linguagem. Através da cultura, o sujeito cria idéias e consciências ao produzir e reproduzir a realidade social. Aos olhos de Bakhtin, a linguagem é a fundadora de uma nova relação do homem consigo mesmo e com o mundo.

Assim como Bakhtin, que entende a constituição do sujeito através das relações sociais e culturais, Bruner (1997) e Valsiner (2000) entendem a mente como criadora de significados que constitui e é constituída pela cultura. Isto é, a mente seria constituída pelo uso da cultura humana, criadora de significados (construção de significados mediando esta interação entre mente e cultura). Propondo uma *Psicologia Cultural*, Bruner (1997) enfatiza que não seria negar nossa constituição biológica, mas esta sozinha nos oferece apenas um conhecimento parcial sobre o sujeito, especialmente porque é a cultura que diferencia e distingue um dos outros. A cultura, na visão de Bruner e Valsiner, é moldadora do comportamento humano, pois os sujeitos produzem significados nos contextos culturais onde estão inseridos. Enfim, os sujeitos são resultados desse processo de produção de significados. Como diz Bruner (1997), "a cultura molda (educa) a mente". Em outras palavras, ele afirma que a

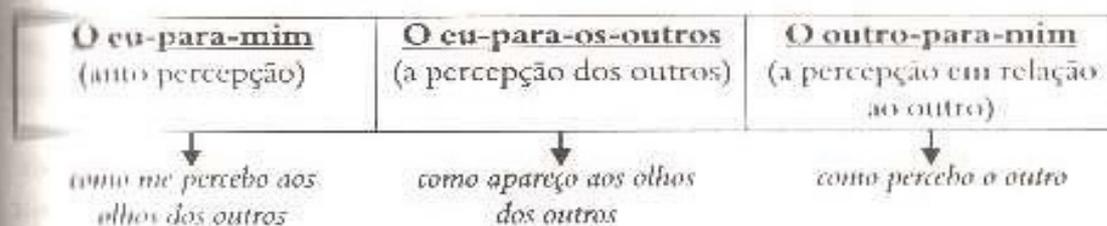
mente humana pode ser tão influenciada pela cultura simbólica, que esta molda a estrutura rígida e operacional do sistema cognitivo.

Como se vê, para Bruner (1997) e Valsiner (2000), a cultura forma e nutre a mente. Há uma espécie de simbiose entre cérebro e cultura. Sendo assim, não se pode compreender o sujeito e sua ação sem conhecer a cultura na qual está inserido, sem conhecer suas relações sociais, sua história, sua identidade social. Seguindo o mesmo raciocínio bakhtiniano, Bruner também enfatiza o papel da linguagem na constituição do sujeito, colocando-a como uma ferramenta essencial no processamento do mundo, sobretudo, no planejamento da ação do sujeito.

Segundo Bakhtin (1992a,b), por meio de uma perspectiva histórica e social, onde o sujeito é concebido no conjunto dessas relações sociais, é possível então apreender a linguagem e a criação ideológica. Para ele, as nossas (nós) palavras se baseiam na "palavra do outro", palavra essa que tem uma perspectiva ideológica própria. Dito de outro modo, Bakhtin quer dizer que *toda palavra no discurso possui vida, e é sempre uma opinião concreta, uma visão de mundo que se contrapõe a outras.*

Assim como para Bakhtin (1992a,b), Vygotsky (1990) também alerta para o fato de que a consciência é estruturada por conteúdos apreendidos pela experiência social, consolidadas culturalmente pelas formas verbais (interações sociais), pelo processo de interação dialógica. A cadeia ideológica estende-se da *consciência individual à consciência coletiva*, ligando uma a outra, pois os signos só emergem do percurso de interação entre uma consciência individual e uma outra. A consciência só se afirma como tal quando se materializa, quando se impregna de conteúdos ideológicos apreendidos somente no processo de interação social.

Aos olhos de Bakhtin, a atividade do *eu* distingue-se da atividade mental do *nós* porque é superior.  $\forall$  representa a consciência de classe. A grande preocupação de Bakhtin era indagar como o *eu* estabelece a sua relação com o mundo. Movido então por projeto antropológico na formação do *eu*, Bakhtin revela três categorias fundamentais para a constituição do *eu* e do *outro*:



É com base nessa tríade que Bakhtin compreende a rede de significação que constitui o sujeito e a importância do "outro" na formação do "eu". Como frisa Bakhtin, se por um lado, o *outro* é fundamental para o processo de internalização de fatos ideológicos porque o sujeito vê o que o *outro* não pode ver como, por exemplo, sua própria imagem, sua expressão, por outro lado, o *outro* vê o que o *eu* não pode ver. Como sublinha Bakhtin (1992b): "o *outro* é um espelho que reflete e refrata a imagem que o *Eu* não vê". Sendo assim, para ele, o *outro* é essencial para que o sujeito tome conhecimento não somente das coisas (objetos), mas também da consciência de si mesmo (sua identidade social), do conhecimento da existência não-conhecida. Toda essa autocompreensão (*o eu-para-mim, o eu-para-os-outros, o outro-para-mim*) na ótica bakhtiniano (1992b: 67-68), manifesta-se desde cedo, quando a criança vê a si próprio através dos olhos da mãe.

É pelos olhos da mãe que a criança começará a ver-se pela primeira vez. É ainda no seu tom que a criança também começará a falar de si mesma, como que se acariciando na primeira palavra pela qual expressa a si mesma. Para Bakhtin, o primeiro momento da atividade estética do sujeito consiste em identificar-se com o *outro*, ou seja, em ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê, como um espelho. Diz ainda que o centro *organizador e formador* da atividade mental, não está no interior, mas sim no exterior, pois não é a atividade mental que organiza a expressão; ao contrário, é a expressão quem organiza a atividade mental uma vez que é ela quem modela e determina a sua orientação.

Na tentativa de empreender uma investigação estética e ética sobre a natureza do sujeito e da relação do *eu* com o *outro*, Bakhtin argumenta que cada um de nós ocupa um lugar e um tempo específico no contexto social, sendo responsável pelas atividades que realiza. Entretanto, essas ocorrem nas fronteiras entre o *eu* e o *outro*, colocando a comunicação entre os sujeitos como eixo fundamental. Assim, o *eu* para Bakhtin só existe a partir do diálogo com outros *eus*. O *eu* precisa da colaboração dos *outros* para poder definir-se e ser autor de si mesmo. Diz, ainda, que uma única consciência não pode dar sentido ao seu "Eu", pois só uma outra consciência pode dar ao *eu* um unificador sentido da sua própria personalidade.

Trabalhando com a tríade: *o eu-para-mim, o eu-para-os-outros, o outro-para-mim*, Bakhtin alerta também para a estética desempenhando um importante papel na ética da vida cotidiana. Define, então, que unidade entre

vida e vida é garantida pela integração das três categorias do *eu*. A ênfase dada por Bakhtin é de que consciência singular não existe fora da consciência do *outro*, e não existe sozinha porque a natureza humana de cada pessoa é social.

### Rede de Significações e a Constituição do Sujeito na Infância

Como já foi dito, a Rede de Significações tem como meta principal construir uma ferramenta capaz de auxiliar nos procedimentos de investigação, assim como na concepção do desenvolvimento humano, este sendo entendido como construído dentro de uma rede de processos complexos e imersos numa rede de elementos de natureza semiótica. Isto é, esses elementos são tecidos numa rede de inter-relações com sujeitos e contextos específicos, culturais. Portanto, a proposta da Rede de Significação, ancorada numa matriz sócio-histórica, representa uma forma de interpretar os papéis das dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas, todas historicamente construídas. Certamente, para os seres humanos, o caminho mais intrigante para entender a vida humana seja compreender como se tornaram as pessoas que são e como a cultura é determinante na constituição do sujeito.

A fim de exemplificar como se dá a Rede de Significações, se introduzirão pequenos comentários sobre os dados obtidos a partir de narrativas de dois alunos do Curso de Especialização em Educação, Cultura e Organização Social, cujo interesse se centrava nas tarefas de narrar sua história de infância na disciplina "Infância, Linguagem e Literatura", e assim construir um memorial de sua infância com a intenção de desvelar a teia de interações sociais que foram tecidas.

Objetiva-se, com essas duas narrativas de infância, demonstrar como a rede de significações integra elementos diversos, micro e macrodimensões na infância que formam os sujeitos. Não se trata de uma análise dos casos, apenas um exercício para instigar o olhar em direção à constituição do sujeito e a Rede de Significação que o constituem. Isto é, os circunscritores materiais e simbólicos no processo de desenvolvimento da infância presentes na narração desses sujeitos vividos num tempo e mundo determinado, espaço de relações sociais.

Eis a narração de Marcos:

*Nasci na cidade da Parnaíba, Piauí, sou filho mais velho de minha mãe que se casou aos 15 anos e me teve com 17 anos.*

Antes de mim nasceu minha irmã Socorro, que morreu logo bebê. Quando eu nasci meu pai estava preso por ter assassinado um homem por causa de uma briga banal, por conta de uns litros de leite. Ambos vendiam leite líquido oferecendo de porta em porta em um lugarejo pequeno chamado Luís Corrêa. Enquanto meu pai estava preso, minha mãe alugou um quarto próximo à delegacia no sentido de facilitar suas visitas ao meu pai que logo foi absolvido por apresentar legítima defesa e ser réu primário. Um irmão de meu pai cedeu uma casa num sítio para que morássemos. Morei lá até os 6 anos. Logo depois de mim, nasceu minha irmã Regina que morreu vítima de pneumonia. Em seguida, vieram o Carlos, o Paulo e o Roberto. Em 1974, a cidade de Paranaíba passou por enchentes e muitas famílias ficaram desabrigadas. Meu pai ficou desempregado, a minha mãe era quem sustentava a casa trabalhando em uma fábrica. Ela teve que dispensar a pessoa que tomava conta de nós e teve de assumir a responsabilidade dos serviços domésticos. Meu pai nos levava à escola de bicicleta. No caminho passávamos por vacarias, campos e ruas de areia. Quando chegava em casa, ia cuidar dos afazeres domésticos. Eu tinha que puxar água do poço comunitário e dar banho nos meus irmãos. À noite, quando a mamãe chegava, eu podia estudar ou ir para frente da nossa casa ouvir histórias de assombrações, piadas, adivinhações ou brincar de cair no poço, pira se esconde ou bom barqueiro. Quando eu tinha 8 anos, com o dinheiro da fábrica, minha mãe comprou uma máquina de costura e passou a costurar roupas e a fazer panos de crochê para vender na feira. Aos sábados e domingos, eu e minha mãe íamos à feira vender suas produções. Ela estirava uma esteira na calçada em frente a uma loja e nós arrumávamos as peças conforme os preços. Vendíamos muito. Assim minha mãe comprou a nossa primeira televisão preto e branco. Comprava também carrinhos e bolas para os meus irmãos e bonecas para a minha irmã Cláudia, que por sinal quando bebê era eu quem trocava suas fraldas e dava banho, fazia mingau e a colocava para dormir cantando músicas de ninar. "Era a mamãe quem fazia as nossas roupas e cada um de nós possuía um par de sandálias e um par de sapatos.

Agora, a narrativa de Joel:

A minha infância foi de muita brincadeira. Lembro das manhãs de banho de rio com a molecada do bairro e das tardes inteiras de jambo verde-azedo e vermelho pelo quintal do meu avô Bernardo. Subíamos pelos seus galhos para apanhá-los e onde brincávamos de pira esconde, pira pega, macaca, da brincadeira da lata, de corda, de He-Man e outros super-heróis. Inventávamos nossos próprios brinquedos a partir de latas, copos descartáveis e copas secas de açaízeiros. Nos dias de sol quente e de chuva (eu e os outros meninos e meninas) perdíamos a noção do tempo. Minha mãe e o meu avô ficavam irritados pela minha exposição ao sol e a chuva com medo de me verem doente depois. Com medo de apanhar, "voava" depressa ou ganhava mais um pouco de tempo até o papai aparecer na porta da cozinha que dava para o quintal ou na ponte velha de madeira que ligava a casa à privada velha, de madeira. No mesmo quintal com aquele ciuto enrolado nas suas mãos grossas para me amedrontar ou pedir qualquer coisa, como por exemplo: ir em algum lugar levar um recado para ele ou fazer uma compra na mercearia do Juca. Quando ele gritava comigo, para fazer o que ele queria, eu saía correndo depressa para não desapontá-lo, pois tinha muito medo dele. "Samba" foi o apelido que ganhei na infância. A minha mãe nunca soube explicar direito o porquê desse apelido. As brincadeiras pelo quintal do meu avô, cheio de porcos e galinhas, as primeiras mas que vi, junto com os meus primos e outros meninos e meninas, constituem as imagens e as cenas que sobrevivem inesquecivelmente na minha memória de infância. Acreditava que poderia voar como o super-homem do desenho animado e para isso amarrava uma toalha no meu pescoço para fazer uma capa que fosse parecida com a sua e assim poder voar. E, então subia na mesa da cozinha da minha casa e me atirava no chão. Lembro ainda das brincadeiras de roda de toda noite que armávamos em frente da minha casa, das histórias de viagem contadas pela minha avó Mônica, das tapiocas que comia sobre a folha de bananeira. No sítio do meu avô tinha muitas criações de animais, no qual também plantava mandioca para fazer

*farinha e assim vender na cidade. Lembro também das tardes na casa de forno de farinha nesse sítio. Nossas mãos ficavam todas com calos. Quando chegava às 6:00 h da tarde meu avô mandava a gente tomar banho no igarapé.*

Tomem-se esses dois casos a partir dos pressupostos da perspectiva da Rede de Significações (RedSig). As narrativas de Marcos e Joel sobre suas infâncias são impregnadas por uma rede de relações entre diferentes elementos, configurando um processo complexo de circunscrição. Nesse processo, é possível entender a construção desses sujeitos e de suas trajetórias a partir, dentre outras coisas, das condições sociais e econômicas de sobrevivência, da dinâmica e do funcionamento de suas famílias, das relações de poder *na* e *entre* os diferentes cenários e contextos vividos, dos encontros e construções de amizades e brincadeiras compartilhadas por ambos durante a sua infância.

Marcos e Joel estiveram submetidos a uma série de circunscritores produzidos na história e na cultura, na sociedade que fazem presentes vozes sociais construídas em diferentes momentos e contextos de sua história social e pessoal. No momento da construção da narrativa de suas infâncias, contexto/meio e sujeito encontram-se fundidos e em co-construção.

Nas narrativas de Marcos e Joel, seus relatos percorrem lugares e relações construídas e geradas numa Rede de Significações comunitária, uma história marcada por pobreza; por problemas familiares; por trabalho infantil; por perdas de parentes; por experiências lúdicas que são indubitavelmente importantes para o desenvolvimento da criança.

O desenvolvimento humano ocorre, durante todo o ciclo de vida, através de processos progressivamente mais complexos. O sujeito é caracterizado por um complexo sistema interado de processos psicológicos (cognitivos, sociais, afetivos, emocionais, motivacionais), os quais operam em interações mútuas. Como se sabe, o desenvolvimento humano é um processo que se dá do nascimento à morte, dentro de ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados, através de interações estabelecidas de poder, de troca e de afetividade. Todos eles interagem dinamicamente e dialeticamente, compondo uma rede, a qual contempla condições macro e microindividuais e estrutura um universo simbólico, constituindo o que se vê denominado de Rede de Significações.

Pensar o sujeito como sendo constituído e imbricado em seu meio social, é pensar que a cultura cria formas específicas de conduta, muda

o tipo de atividade das funções psíquicas (mente). O sujeito social muda os modos e procedimentos de sua conduta; transforma os códigos e funções cerebrais; elabora e cria novas formas de pensar o mundo, a vida, a sociedade.

No processo de construção da identidade de Marcos e Joel, são encontradas marcas das relações familiares, suas histórias, seus discursos, suas práticas, sua produção de saber e poder e principalmente de suas condições de existência. O espaço familiar é constituído por sujeitos que apresentam suas singularidades (modo de pensar o mundo, de ser, sentir, agir, suas expectativas, desejos, projetos etc.). Como fala Bakhtin, o sujeito é essencialmente histórico. Sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo. A narrativa do sujeito é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social bem definido.

As narrativas de Marcos e Joel fazem pensar que se precisa desvendar as identidades, pois há muito a ser pesquisado sobre a constituição do sujeito, sobretudo, de crianças que vivem na região amazônica. Conhece-se muito pouco sobre as singularidades desses sujeitos. Afinal, o que se sabe, por exemplo, sobre as culturas infantis das crianças indígenas? O que se sabe das crianças que vivem nas regiões isoladas da Amazônia? Como fala Bakhtin, esses sujeitos são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida; posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Enfim, são sujeitos imersos numa Rede de Significações que constroem a história de suas vidas e que precisam mostrar suas singularidades. Certamente, é nesse processo que cada um deles vai se arquitetando como sujeito, dando assim significado e sentido a sua existência: um ser singular que se apropria do social, transformando em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém num mundo social.

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Hucitec, 1992a.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992b.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRAIT, Beth. *Bakhtin. Dialogismo e Construção do Sentido*. São Paulo: Editora Unicamp, 1997.

BRUNER, Jerome. *Atos da Significação*. Porto Alegre: Arte Médica, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Cultura da Educação*. Porto Alegre: Arte Médica, 2001.

ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA & CARVALHO (orgs.), *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Rio Grande do Sul: Artmed, 2004.

TODOROV, T. *Mikhail Bakhtin: the dialogical principle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

VALSINER, J. *Culture and human development: an introduction*. London: Sage, 2000.